

LÉON CHESTOV E A FILOSOFIA EXISTENCIAL DE KIERKEGAARD: UM EXERCÍCIO DE HERMENÊUTICA NÃO SISTEMATIZADO

*Carlos Eduardo Varella Pinheiro Motta, PUC-Rio**

RESUMO: O presente artigo visa trazer à baila a interpretação do filósofo existencialista ucraniano Léon Chestov sobre o pensamento de Søren Kierkegaard, materializada na obra *Kierkegaard e a Filosofia Existencial* (1952). Chestov caracteriza o pensador dinamarquês, à semelhança de Dostoiévski, como *vox clamantis in deserto* (“voz que clama no deserto”), que consiste no subtítulo da obra, por se posicionar solitariamente na contramão da evolução da Filosofia Ocidental, cujo representante máximo no século XIX foi Hegel, com o seu idealismo herdado de Kant e sua dialética e sistematização do conhecimento. Assim, Chestov aponta a Filosofia Existencial como rota de dissidência, apresentando a Verdade Revelada em contraposição à Verdade Especulativa, que remonta a Sócrates e seus herdeiros ao longo dos séculos. Seguindo uma tradição que se origina nos filósofos/teólogos Tertuliano (155-220), Pedro Damiano (1007-1072) e João Duns Escoto (1266-1308), passando por Lutero e Pascal, Chestov classifica o Absurdo “kierkegaardiano” como a ação da transcendência que ultrapassa o poder de compreensão das faculdades racionais. Desse modo, a tradição filosófica reinante no Ocidente se afigura como um elogio à Queda primordial relatada no mito do Gênesis e seus frutos semelhantes aos da Árvore da Ciência (do bem e do mal), que trouxe à criatura o conhecimento das verdades eternas e incriadas, mas o puniu com a morte e a escravidão frente à Necessidade. A Filosofia Existencial, em contrapartida, representa simbolicamente a Árvore da Vida, cujos frutos permitem ao homem o acesso à Liberdade, ultrapassando o vazio das abstrações, das leis e da tirania da ética, comungando com a transcendência como uma extensão do si-mesmo e vivendo o paradoxo da eternidade na existência temporal mediante a ação do devir.

Palavras-chave: Absurdo. Chestov. Filosofia Existencial. Kierkegaard. Liberdade.

ABSTRACT: The following paper intends to discuss the interpretation of the Ukrainian existentialist philosopher Leo Shestov about Søren Kierkegaard's thought, revealed in *Kierkegaard and the Existential Philosophy* (1952). Shestov

*Doutor pelo Programa de Pós-Graduação Literatura, Cultura. E-mail: cvarell@gmail.com.

characterizes the Danish thinker, in resemblance to Dostoevsky, as *vox clamantis in deserto* (“voice that claims in the desert”), which consists the subtitle of the work due to a lonely position on the opposite direction of the Western Philosophy evolution. In the 19th century, such philosophy had as the main representative Hegel, based on Kant and his dialectics and systematization of knowledge. Therefore, Shestov indicates the Existential Philosophy as a dissidence route, presenting the Revealed Truth in opposition to the Conjectural Truth, which takes back to Socrates and his heirs over the centuries. Following a tradition originated in the philosophers/theologians Tertullian (155-220), Peter Damian (1007-1072) and John Duns Scoto (1266-1308), passing through Luther and Pascal, Shestov classifies the Absurd in Kierkegaard as an action of transcendence that surpasses the power of understanding of the rational faculties. In this sense, the reigning philosophical tradition in the Western World flourishes as a compliment to the first Fall related in the biblical myth, and its results (like the fruits on a tree) similar to the ones from the Science Tree (good and evil), that brought back to the creature the knowledge about the eternal and uncreated truths, but punished him with death and slavery in face of the Necessity. The Existential Philosophy, on the other hand, represents symbolically the Tree of Life, which fruits allow men access to Liberty, surpassing the emptiness of abstractions, of laws, and the tyrannical ethics, communing with the transcendence as an extension from self, and living the paradox of eternity in the time existence in face of the action of becoming.

Keywords: Absurd. Existencial Philosophy. Kierkegaard. Liberty. Shestov

O primeiro contato que tive com a obra de Kierkegaard ocorreu há cerca de 15 anos, mediante a leitura de “A Negação da Morte”, de Ernest Becker, curiosamente, uma obra do campo da Psicologia e não da Filosofia. As recorrentes menções ao pensador dinamarquês cativaram o meu interesse ao ponto de, logo depois, me arriscar na leitura de *O Desespero Humano*, em uma mal-acabada edição da editora Martin Claret, a qual, na época, pouco absorvi. Posteriormente, utilizei algumas reflexões contidas no livro supracitado e n’*As Obras do Amor* para a elaboração da minha tese de doutoramento sobre o Problema da Liberdade em Os Irmãos Karamázov, último romance de Dostoiévski, no qual boa parte das questões abordadas revelam consonâncias com as elaboradas por Kierkegaard, tais como a

busca/fuga do si-mesmo e o imperativo do amor ao próximo. Apesar da fascinação exercida pelo pensamento de Kierkegaard, devo confessar que até há pouco pairava sobre ele uma aura de mistério e impenetrabilidade, tal como as sentenças enigmáticas do oráculo de Delfos.

Em meados de 2018, decidi elaborar na companhia de dois colegas um curso de extensão sobre Existencialismo que foi ministrado com sucesso no primeiro semestre de 2019, assumindo a responsabilidade de ministrar uma aula de introdução ao pensamento de Kierkegaard, tarefa, confesso, um tanto árdua para alguém advindo de outro campo do conhecimento, o da Literatura. Contudo, devido a uma convergência de eventos, ainda em fins de 2018, tive acesso à biblioteca de um jurista que acabara de falecer e o filho, conhecido indireto, decidira doar os volumes para estudiosos e pesquisadores. Observando às obras à disposição, deparei-me com uma edição argentina de 1952 de *La Filosofia Existencial de Kierkegaard*¹, de Léon Chestov, autor pouquíssimo lido por estas bandas, possivelmente pela ausência de edições em língua portuguesa. Fato curioso, o livro encontrava-se com as páginas ainda pregadas, como era de costume na época em que fora editado, ou seja, ainda não lido e jazendo inerte à espera de um receptor que dele fizesse bom proveito. E, de fato, devo integralmente a esse capricho do tempo, que o guardou intacto por quase 70 anos, a compreensão que hoje tenho sobre a obra de Kierkegaard, mais abrangente e contextualizada. A leitura de Chestov me forneceu as chaves necessárias para desvendar os últimos enigmas e completar esse intrincado quebra-cabeças.

O subtítulo da obra, não pouco significativo, é *Vox Clamantis in Deserto* (“Voz que Clama no Deserto”), caracterizando Kierkegaard como um dissidente na tradição do pensamento ocidental, por sua incessante busca pela subjetividade, em

¹O título da edição original em francês é “Kierkegaard Et La Philosophie Existentielle: Vox Clamantis in Deserto”.

oposição ao foco no objeto, deslocando a jornada de observação do mundo empírico, exterior, para o interior, o coração do homem, onde, como já afirmava Pascal, a criatura possui impressa a imagem do Criador (*Imago Dei*), que compõe o si-mesmo, abrindo as portas para o desenvolvimento do conceito de *selbst* (*self/ si-mesmo*) da Psicologia Analítica junguiana.

Curiosamente, essa postura de dissidente, excêntrico, solitário e inacessível às mentes acostumadas à lógica e ao pensamento racional, está diretamente associada à sua fé cristã. A maior parte dos filósofos do cristianismo, incluindo Santo Agostinho, curvaram-se em algum momento à razão, como na declaração de Clemente de Alexandria, que afirmava preferir o conhecimento à salvação. Essa postura será duramente criticada por Kierkegaard, que afirma que os ensinamentos de Cristo diluíram-se tanto e degradaram-se a tal ponto que a Igreja aboliu praticamente o cristianismo em nome de Cristo.

Para Hegel, a religião, em sua concepção, seria uma forma de traduzir em imagens as leis eternas do espírito, rechaçando os milagres e demais eventos sobrenaturais. Eis o pilar do método histórico-crítico de interpretação das escrituras, que vigorava na época de Kierkegaard e que ele considerava uma espécie de adoração a um falso ídolo.

Kierkegaard, que havia se nutrido fartamente do pensamento de Hegel na juventude, percebeu que a filosofia do antigo mestre guardava em si um embuste, ao substituir a fé em Criador livre e vivente pela submissão às verdades da razão, que possuem um poder absoluto sobre tudo e, simultaneamente, são indiferentes a tudo. Assim, se posiciona como herdeiro de uma corrente marginal, que remonta à antidialética de Pedro Damiano, com sua refutação do princípio de não contradição aristotélico e a identificação da arbitrariedade como um dos atributos da ação divina, lançando, de dentro, a semente para a posterior demolição da escolástica. Essas questões serão retomadas por Pascal, o inaugurador do pensamento trágico na Idade Moderna, em sua crítica ao racionalismo, antecipando e ultrapassando

com mais de um século de antecedência à crítica kantiana, e ao pessimismo dos céticos. A aposta cimentava o terreno para o salto de fé.

Kierkegaard retira o cristianismo do campo da especulação filosófica e o insere na categoria do paradoxo e do escândalo. O escândalo está intimamente ligado a fé. Um e outro estão ligados por vínculos incompreensíveis, mas aparentemente indestrutíveis: quem nunca se escandalizou não pode ter fé. O ápice do escândalo é a encarnação de Cristo. Como Deus pode ter se rebaixado à forma do último dos homens (pobre, perseguido, humilhado, desprezado, etc.).

Escrevendo em meados do século XIX, em que Hegel afirmava que “o racional é o real”, ele se contrapõe ao pensamento sistemático, afirmando que o filósofo, em geral, se esforça por toda vida em construir a sua doutrina como um belo palácio, enquanto na vida habitam, se muito, o quarto dos fundos. Não é por acaso que Chestov caracteriza Kierkegaard como um duplo de Dostoiévski, seu companheiro de exílio no deserto, soando em alguns momentos de sua escrita pseudonímica como uma versão polida do narrador de *Memórias do Subsolo*, em sua revolta com as leis da natureza:

O impossível quer dizer um muro de pedra? Mas que muro de pedra? Bem, naturalmente as leis da natureza, as conclusões das ciências naturais, a matemática. Quando vos demonstram, por exemplo, que descendeis do macaco, não adianta fazer careta, tendes que aceitar a coisa como ela é. Se vos demonstram que, em essência, uma gotícula de vossa própria gordura vos deve ser mais cara do que cem mil de vossos semelhantes, e neste resultado ficarão abrangidos, por fim, todos os chamados deveres, virtudes e demais tolices e preconceitos, deveis aceitá-lo assim mesmo, nada há a fazer, porque dois e dois são quatro, é matemática. E experimentai retrucar.

Não é possível”, vão gritar-vos, “não podeis rebelar-vos: isto significa quedois e dois são quatro! A natureza não vos pede licença; ela não tem nada a ver com os vossos desejos nem com o fato de que as suas leis vos agradem ou não. Deveis aceitá-la tal como ela é e, conseqüentemente, também todos os seus resultados. Um muro é realmente um muro... etc. etc.” Meu Deus, que tenho eu com as leis da natureza e com a aritmética, se, por algum motivo, não me agradam essas leis e o dois e dois são quatro? Está claro que não romperei esse muro com a testa, se realmente não tiver forças para fazê-lo, mas não me conformarei com ele unicamente pelo fato de ter pela frente um muro de pedra e de terem sido insuficientes as minhas forças.

Até parece que semelhante muro de pedra é realmente um tranquilizador e que de fato contém alguma palavra para o mundo, só porque constitui o dois e dois são quatro. Oh, absurdo dos absurdos! Não é o mesmo tudo compreenderdes, tudo aprenderdes, todas as impossibilidades e muros de pedra; não vos conformardes com nenhuma dessas impossibilidades e muros de pedra, se vos repugna a resignação; atingirdes pelo caminho das combinações lógicas inevitáveis as conclusões mais ignóbeis sobre o tema eterno de que se tem certa culpa mesmo do muro de pedra, embora, mais uma vez, seja bem evidente que não se tem qualquer culpa, e, em consequência disto, rangendo os dentes em silêncio e com impotência, imobilizar-vos voluptuosamente em inércia, sonhando que não há contra quem ter rancor; que não se encontra um objeto e que talvez nunca se encontre; que há nisso uma escamoteação, uma fraude, uma trapaça, simplesmente uma repugnante confusão, não se sabe o quê, não se sabe quem, mas que, apesar de todas estas ignorâncias e fraudes, sentis uma dor, e, quanto mais ignorais, tanto mais sentis essa dor! (Dostoiévski, 2003, pp. 24-25)

Dostoiévski clama por um Deus que exige o impossível, a superação da tirania das leis da natureza e da razão, dialogando com a afirmação de Kierkegaard de que Deus desconhece o impossível e não está subjugado às leis irrevogáveis da filosofia de Spinoza, que afirma que “Deus atua somente de acordo com as leis de sua própria natureza e não está sujeito a nada”, ou seja, não há relação direta entre Deus e o ser humano, o que nos alija da presença de Deus e nos exila.

A fé representa uma nova dimensão do pensamento, desconhecida e estranha à filosofia especulativa e que nos abre caminho ao Criador, a fonte de todas as possibilidades, Aquele para quem não existe limite entre o possível e o impossível. Por isso, Kierkegaard opta pela postura escandalizadora de eleger Jó e Abraão, Cavaleiros da Fé, em oposição a Hegel e Sócrates, Cavaleiros da Resignação, que se curvam ante o império da Necessidade. A Filosofia Existencial, ao contrário, busca a Liberdade contida no salto de fé, o mergulho no desconhecido, como alternativa de superação das leis eternas e imutáveis que regem o cosmo. A renúncia é a postura do Cavaleiro da Resignação; o Cavaleiro da Fé, ao contrário, não necessita da renúncia, pois crê ser possível alcançar tudo pela benção de um Deus para qual nada é impossível.

Em Kierkegaard, como em seus parentes no pensamento trágico, Pascal, Dostoiévski e Nietzsche, a saúde e o equilíbrio não encontram terreno fértil para o desenvolvimento de suas questões, tampouco a curiosidade e a busca pela verdade que Platão caracteriza como a origem da filosofia, mas tão somente “o horror que atinge o desespero [e] desenvolve no homem suas mais altas forças”. A filosofia não nasce da busca pela verdade, mas do desespero. A fé, igualmente, também nasce do desespero, no confronto com uma força que nos subjugua e ultrapassa, como nas narrativas de Abraão e Jó, cujo contato com a divindade exige necessariamente a ultrapassagem das leis mundanas, inclusive a da ética, o “tu deves” kantiano que se apresenta como constrangimento em oposição à liberdade do salto de fé.

O prêmio para esse ato de coragem é “a eterna bem-aventurança, que consiste justamente em um interesse pessoal infinitamente apaixonado”; contudo, trata-se de uma conquista praticamente inacessível, pois “os homens se tornaram demasiadamente objetivos para alcançá-la”. Essa afirmação encontra ressonância em um trecho de *Crime e Castigo* (Dostoiévski, 2004), numa crítica ao pensamento dos radicais: “[...] exigem total falta de personalidade, e nisso encontram o próprio prazer! A gente tem de arranjar jeito de não ser o que é, de parecer o mínimo possível consigo mesmo! Entre eles é isso que se considera o mais elevado progresso”. (Dostoiévski, 2008, p.214).

Dostoiévski e Kierkegaard trafegam na contracorrente do movimento de despersonalização característico da modernidade, e sob esse aspecto inauguram um devir diferente do grego/nietzscheano, marcado por um movimento de despersonalização, no qual o indivíduo-máscara (Apolo) se dilui no eterno fluxo dionisíaco. No devir cristão, que será afirmado posteriormente por pensadores herdeiros como Unamuno e Berdiaev, o movimento na sucessão de instantes do tempo termina por afirmar o indivíduo, que triunfa através da afirmação de sua consciência individual, o si-mesmo, que o liga à uma dimensão transcendente.

Com gentileza eivada de ironia, o pensador dinamarquês alfineta os representantes do Simpósio Grego: sábios, doutos e eruditos, cristãos ou pagãos, acusando-os de se refugiarem covardemente no conforto abstrato de suas leis eternas e imutáveis, que, em realidade, jamais existiram *a priori*, não passando de criações da mente humana, erigidas para fornecer-lhes uma falsa sensação de segurança e proteção contra a aparente arbitrariedade de Deus. Afinal, quando utilizamos a razão, devemos naturalmente chegar à proposição: “E se Deus for mau? E se ele desejar o mal?”. O temor e tremor frente ao desconhecido é justamente o que leva o homem sábio a se escandalizar e taxar de Absurdo o que, para Kierkegaard, consiste na realidade última da existência.

Em coro com Lutero e retomando a contenda de Santo Agostinho com Pelágio, ele afirma que não são as boas obras que salvam o homem, mas a fé, de modo que o contrário do pecado não seria a virtude, em termos humanamente estabelecidos, mas a fé, que surge como sinônimo de liberdade, e nos concede, inclusive, o privilégio de repudiar as verdades erigidas pela ciência e a razão. Portanto, tudo o que se encontra fora da fé recai necessariamente no pecado. Ei-nos novamente confrontados com a narrativa do Gênesis, da queda primordial e do pecado original. O fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, oferecido pelo tentador, é o saber e nos conduz diretamente à morte, em oposição ao fruto da Árvore da Vida, que nos conduz à plenitude do si-mesmo em comunhão com a eternidade. É o pecado, como falha, consciente ou não, que nos conduz à Angústia do Nada, a dimensão do vazio em que repousam as leis naturais, autossuficientes e imutáveis em sua categoria de abstrações, e que o Homem do Subsolo, de Dostoiévski, classifica como o oposto da vida e o início da morte. Hegel, seguido por sua legião de sábios que remonta a Sócrates, aos estoicos e aos gnósticos, reverberam a fala do tentador e celebram a obtenção do saber como o bem mais elevado que nos foi concedido, libertando-nos, afinal, da tirania de Deus e nos igualando em onisciência: “Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal”

(Gênesis 3:5). O saber não nos liberta, tal como afirmava a serpente, mas nos torna escravos: “o Pecado consiste na perda da liberdade”.

Kierkegaard recusa terminantemente esse fruto oferecido pelo tentador e nos convida a um mergulho na existência, tão repudiada pela razão, afastados da letra morta dos conceitos e abstrações, que nos conduzirá à Árvore da Vida, detentora da Verdade Revelada, em oposição à verdade especulativa dos filósofos. Nesta contenda, o Cavaleiro da Fé supera o Cavaleiro da Resignação, o Estádio Religioso supera o Estádio Estético e, finalmente, a Liberdade, pilar da Filosofia Existencial, supera a Necessidade.

Este campo do pensamento, apesar de, à primeira vista, parecer que nos atira a tormentos terríveis pela imprevisibilidade das ações do Absurdo, é a única forma de nos salvar do feitiço lançado pela razão, a ética e as demais leis eternas e incriadas, na medida em que nos oferece a liberdade absoluta. É cruel na medida em que nos tira o chão das certezas adquiridas após séculos de Filosofia e Ciência, mas, em contrapartida, nos concede a recompensa mais preciosa: nossa transformação paradoxal pelo devir em indivíduos unos e indivisíveis, e em comunhão com o Absoluto. Nas palavras de Chestov (1952, pp. 326-327, t. do a.):

A voz de Kierkegaard foi e seguirá sendo sem dúvida uma *voz clamantis in deserto*. Em seu ímpeto em direção a um Deus para quem tudo é possível, a filosofia existencial nos ensina que Deus não obriga, que sua verdade não ataca a ninguém e não é defendida por ninguém, que Deus é livre e que criou o homem tão livre como Ele mesmo. Contudo, a *concupiscentia invincibilis* do homem caído, do homem que provou os frutos da árvore da ciência, teme acima de tudo a liberdade divina e aspira avidamente às verdades gerais e obrigatórias.

Pode um homem racional admitir que, depois de ter ouvido o chamado, não de seu Filho único, nem sequer de Abraão ou Jó, mas simplesmente do doutor em teologia, Søren Kierkegaard, Deus haja feito voar em pedaços a imutabilidade petrificada que foi imposta por nosso pensamento e convertido seu caso “fastidioso”, miserável e ridículo em um acontecimento de importância histórica e mundial? Pode admitir que o haja livrado dos sortilégios da árvore da ciência e devolvido, a ele, “velho desde que estava no ventre de sua mãe”, essa juventude de alma e essa graciosidade que dão acesso à árvore da vida? Pode admitir que, não obstante a contradição que implica e que o converte em algo impossível e absurdo para nosso entendimento, o ímpeto infinitamente apaixonado de Kierkegaard em direção ao finito resultou,

segundo o julgamento divino, precisamente essa “única coisa necessária” a qual lhe foi concedido triunfar sobre todas as impossibilidades e deveres? Não resta dúvida sobre a resposta. E eis aqui porque Kierkegaard não apela nem à razão nem à moral, que exigem a resignação, mas ao Absurdo e a fé, que bendizem sua audácia. Seus discursos e escritos frenéticos e desagregadores não nos falam de outra coisa: é a voz que clama no deserto e maldiz os horrores do Nada que avassalou o homem caído; é a luta insensata pelo possível; é o impetuoso arrojo que arrasta Kierkegaard longe do Deus dos filósofos, para o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó.

REFERÊNCIAS

CHESTOV, L. *Kierkegaard y la Filosofía Existencial*. Tradução de José Ferrater Mora. Buenos Aires: Sudamericana, 1952.

DOSTOIÉVSKI, F. M. *Crime e Castigo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2001.

DOSTOIÉVSKI, F. M. *Memórias do Subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: 34, 2003.

GILSON, E. & BOEHNER. *História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2004.

JUNG, C. G. *Aion, estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. In. *Obras Completas*: vol. IX/2. Tradução de Dom Matheus Ramalho. Petrópolis: Vozes, 2000.

KIERKEGAARD, S. *O Conceito de Angústia*. Tradução de Alvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2014.

KIERKEGAARD, S. *O Desespero Humano*. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Unesp, 2010.

KIERKEGAARD, S. *Temor e Tremor*. Tradução de Torrieri Guimarães Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

PASCAL, B. *Pensamentos*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.